

Bordar em Português

Centros Produtores de Bordado

Ana Pires

Fazer derivar os bordados tradicionais (com a exceção segura de Arraiolos e provável de Castelo Branco) do bordado a branco europeu, tal como ele se definiu a partir de Itália no final do século XV, não é evidente para a larga maioria de pessoas, mesmo para aquelas mais atentas. Então

especial

anteriormente não havia bordados? Claro que havia. Todavia, do mesmo modo que com um único alfabeto se podem escrever textos em português, castelhano ou húngaro, também o facto de se conhecerem os pontos de bordar, pode significar (e significa) que as várias produções de bordado correspondem a realidades produtivas, económicas, estéticas e funcionais muito diferentes.

Diferentes nos materiais, diferentes na cor, diferentes no uso e na função. Onde antes se bordava a ouro, seda e outros materiais nobres profusamente coloridos - em trabalhos em que o enchimento dos pontos era feito com pasta de lã para dar mais volume ao bordado, que cobre enormes extensões de dalmáticas, casulas, panos de altar ou mantos - passa-se a privilegiar a leveza e transparência que o bordado a branco confere às golas e punhos, de camisas e blusas. Ao contrário do outro, que lhe é anterior, quase sempre feito por homens, este bordado a branco mesmo quando feito em oficinas é quase sempre feito por mulheres. Da mesma forma, quase por oposição, verifica-se na execução do bordado a branco o recurso a matérias primas fáceis de adquirir, disponíveis em qualquer comunidade. A sua adequação a peças de uso mais íntimo e reservado, como roupa de cama e de mesa, desde há muito espaços de preocupação e responsabilidade feminina, vai ajudar na sua extraordinária difusão e aceitação. Nalguns locais ganha características próprias. Em Portugal distinguem-se, de há muito, os centros produtores que aqui lhes deixamos.

Bordado Viana do Castelo



O bordado a que se chama "Viana do Castelo" é feito em freguesias rurais daquele concelho sendo Perre, Cardielos e Serreleis as que desde há mais tempo se associam a esta actividade. Na realidade este bordado é só um dos três tipos que até há muito pouco tempo se produziam por todo o Alto Minho. O bordado a lã, muito utilizado no traje tradicional, será o de origem mais antiga, convivendo com os outros tipos de bordado mais recentemente incorporados no têxtil decorativo.

Ao bordado em fio de lã, vistosamente colorido, onde o fio dourado, as lantejoulas, contas e vidrilhos vários (restos da herança barroca) mantêm uma posição de destaque, juntou-se o bordado em tule, a ponto de cadeia, uma grande moda que correu toda a Europa no início do século XIX e a que, um pouco mais tarde, se terá associado a produção de bordado; primeiro a fio de linho, depois de algodão.

É a este último que se chama Bordado de Viana do Castelo, que uma importante exposição realizada naquela cidade em 1917 deu a conhecer de forma impressionante, aí se tendo consolidado uma produção, mais profissionalizada, que ainda hoje se mantém. Este bordado, muito conhecido, a que a oficina de Isilda Parente, veio trazer uma acentuada e benvinda requalificação, vive ainda, como sempre, da expressividade das suas "japoneiras", camélias estilizadas com os centros em "crivo", "silvas" e corações. Este bordado, originalmente em fio de linho sobre tecido de linho, com a banalização do fio de algodão, utilizado quer no tecido, quer no bordado, rapidamente começou a ser feito em cor e desde há muito que este típico "bordado a

branco" se faz banalmente em azul ou vermelho, ou mesmo nas duas cores em simultâneo! Se o branco, ou o crú, o vermelho ou o azul, de há muito são utilizados, assiste-se, muito recentemente, à produção de obras em que o desenho aparece muito mais estilizado e cuidado, bordado em cores que, claramente, acompanham a mais recente moda do têxtil-lar.



É ainda no Minho que uma produção individualizada por um característico conjunto de motivos se tem vindo a constituir como um bordado de inequívoca personalidade, um bordado que encontra nas características assumidamente populares da sua definição a mais valia que o converte num objecto de culto, abrindo-lhe os mercados mais exigentes. Os "lenços de namorados" que em lugares como Vila Verde ou Aboim da Nóbrega são produzidos, constituem uma das poucas produções artesanais objecto de um processo de certificação.

Também nos últimos anos, o bordado minhoto (quer o de algodão quer o de lã) foi objecto de uma outra redescoberta, protagonizada por Helena Cardoso, uma estilista do Porto que, com o apoio inicial da então Comissão da Condição Feminina, tem vindo a desenvolver um trabalho de re-utilização e re-invenção deste bordado, aplicando-o nas suas criações.

Bordado de Guimarães



A força da imagem do Bordado de Guimarães reside por inteiro no papel que o canutilho desempenha na sua gramática decorativa, associada à especificidade dos seus desenhos e das suas flores. Desde

sempre uma região muito abundante em linho, situação que a indústria do algodão destruiu por completo a partir dos finais do século XIX, em Guimarães a indústria doméstica do bordado já em 1884 ganhava todo o destaque na Exposição Industrial que ali teve lugar. O Relatório, que a propósito desse evento Alberto Sampaio redigiu, menciona 747 pessoas como o total daqueles que produziram trabalhos no valor de "quarenta e cinco contos de reis" (em 1884!). Com a fuga da mão-de-obra feminina do bordado para a indústria têxtil, o bordado de Guimarães mantém-se, sobretudo, com mulheres do vizinho concelho de Felgueiras a bordar por conta das casas comerciais de Guimarães. Estas casas tinham importantes filiais noutros centros urbanos do país o que garantia não só o escoamento da produção como a generalização da imagem daquele bordado. Neste domínio a família Teixeira de Abreu, proprietária da famosa "Casa dos Linhos", desempenhou um papel da maior relevância.

Apesar disso o Bordado de Guimarães esteve em risco de se perder. No entanto, por iniciativa de várias instituições com destaque para a Câmara Municipal, várias acções de formação tiveram lugar, desde 1989/90, no sentido de formar e qualificar bordadeiras especializadas nos pontos e motivos que identificam este bordado. Agora, ao percorrer o lindíssimo e exemplarmente recuperado centro histórico da cidade, património da Humanidade segundo os apertados critérios da UNESCO, é possível apreciar e comprar o genuíno Bordado de Guimarães.

Bordado de Lixa/Felgueiras

Se o concelho de Felgueiras ajudou à manutenção do Bordado de Guimarães, o qual, tal como o de Viana, pode ser a branco, em crú, vermelho ou azul, sobre panos alinhados ou de algodão, também, por mérito próprio, ganhou um especial estatuto na produção nacional de bordados. Basta dizer que, com excepção das regiões insulares, é em Felgueiras que se localiza o mais importante núcleo de bordadeiras existente em Portugal, neste início do século XXI.

Essa situação terá começado do lado de Amarante, na freguesia de Figueiró da Lixa, onde há muitas gerações atrás se começou a bordar para um mercado que extravasava os limites da freguesia. Como o nome indica aquela freguesia confina com o Alto da Lixa, portela onde se cruzavam dois eixos viários, então importantes: a estrada Guimarães-Amarante e a estrada Porto-Vila Real. Quer isto dizer que as



bordadeiras de Figueiró da Lixa, tinham facilitado o seu acesso a grandes centros urbanos. Logo, por todas as freguesias próximas da Lixa desde os finais do século XIX se desenvolveu a produção de bordados, apoiada e induzida, sobretudo num primeiro momento, por casas comerciais e oficinas do Porto. Assim, por todo o século XX, os diferentes bordados feitos na Lixa ("bordo fino" feito em linho, "ponto cruz" muito característico das toalhas de mesa e lençóis de algodão) se foram afirmando, aproveitando as ligações quer a Guimarães, quer ao Porto e daí por todo o país.

Consoante o tipo de vínculo que mantinham com a entidade mediadora, responsável pelo escoamento da produção, as bordadeiras da Lixa apresenta(va)m diversos graus de apuro e liberdade criativa. Sendo o caso mais raro o da bordadeira que risca, borda e vende ela própria o produto do seu trabalho, as cerca de seiscentas bordadeiras actualmente existentes, nos concelhos de Felgueiras e Lousada, estão enquadradas numa organização de produção de bordado próxima daquela que se verifica na Madeira, ou seja, executam um trabalho em que elas mesmas não investem na compra dos materiais, não definem os motivos, nem se preocupam com a venda do produto final, tudo competências da entidade que lhes entrega a encomenda.

As actuais "riscadeiras" ou "contratadeiras" contam, assim, com cerca de seiscentas exímias executoras das bainhas abertas e outros crivos e desfiados, tão característicos do Bordado da Lixa. Nos nossos dias o ponto de cruz, noutros tempos utilizado nos trabalhos mais baratos e popularmente vendidos pelas praias, é hoje de novo usado em trabalhos de grande qualidade.

Mesmo reduzindo a informação à sua expressão mais simples, o texto sobre centros produtores de bordado português, ficou muito longo. A seu tempo iremos publicando as restantes partes. ■■■